

## **Sobre bananas, diversidade e imigração**

As comunidades humanas são como os bananais: quanto mais diversas, mais possibilidades têm de resistir a pandemias, a distopias e ao inferno da monotonia

*José Eduardo Agualusa, 15/06/2024*

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/coluna/2024/06/sobre-bananas-diversidade-e-imigracao.ghtml>

Muitos europeus estão convencidos de que existe apenas uma espécie de banana: a Cavendish. As bananas Cavendish são, todas elas, provenientes de clones de uma única e remota bananeira. Ou seja, os habitantes dos países ricos comem a vida inteira, repetidamente, a mesma melancólica banana, sem nunca se aperceberem da sua terrível indigência.

No Brasil, bem como na maioria dos países tropicais, ainda é possível encontrar à venda uma considerável diversidade de bananas: banana-ouro, banana-prata, banana-da-terra, banana-maçã, banana-pacova, banana-pão, e tantas outras.

A uniformidade genética da banana mais comercializada em todo o mundo não apenas empobrece (e entristece) a dieta dos europeus, chineses ou norte-americanos, também traz sérios riscos, deixando as plantações vulneráveis a doenças e pragas. O mal-do-Panamá, doença causada por um tipo de fungo, vem devastando plantações inteiras. Os agrônomos estudam agora variedades de banana resistentes ao mal-do-Panamá, que possam substituir com sucesso a Cavendish.

A grande fome de 1845-1849, na Irlanda, que matou mais de um milhão de pessoas, teve a sua origem numa doença que destruiu as batatas. A batata, importada da América do Sul, e plantada na Irlanda, era também ela um clone de uma única espécie. O que devastou as batatas na Europa não foi tanto um fungo — foi a monotonia.

Sempre que escuto alguém discursando contra a imigração penso nas bananas e nas batatas. As comunidades humanas são como os bananais — quanto mais diversas, mais possibilidades têm de resistir a pandemias, a distopias e ao inferno da monotonia.

A entrada de imigrantes, com as suas vozes coloridas, rejuvenesce e fertiliza todas as expressões culturais, da música à literatura, passando pelo cinema e pelas artes plásticas. Olhemos para o Reino Unido. Entre os maiores escritores britânicos dos nossos dias destacam-se nomes como Zadie Smith, de ascendência jamaicana; Bernardine Evaristo, de origem nigeriana; ou Kazuo Ishiguro, filho de japoneses, que em 2017 recebeu o Nobel de Literatura. Na França, a música popular contou sempre com a poderosa contribuição de imigrantes: Charles Aznavour, de origem armênia; Serge Reggiani, nascido em Itália e filho de italianos; Georges Moustaki, nascido no Egito, de pais gregos, e tantos outros. Hoje, são sobretudo os imigrantes de origem africana a revitalizar a música francesa.

Os imigrantes contribuem também, e muito, para o enriquecimento genético das populações em que se inserem, para o rejuvenescimento da pirâmide etária e para a segurança social. Mais de um quinto dos bebês nascidos em Portugal em 2023 eram filhos de mães estrangeiras. Ainda em Portugal, a contribuição dos imigrantes para a segurança social é cerca de sete vezes superior àquilo que recebem.

Infelizmente, quem discursa contra os imigrantes não quer saber dos números nem da racionalidade. Os que odeiam a diferença buscam, no fundo, a segurança daquela banana idêntica, repetida, de que falei acima. Como é pobre e minúsculo o mundo dos racistas!